



AO DOMINGO

As diretas no PS são uma prova de fogo para Costa, até para a relação com Bloco e PCP?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“ A 26 de maio – coincidindo com um dos feriados recuperados pelo atual executivo – o Governo liderado por António Costa cumpre seis meses de mandato. As diretas no Partido Socialista antecedem esse momento. Na semana seguinte, tem lugar o Congresso do PS. As eleições para secretário-geral surgem, assim, entaladas entre um e o outro momento. A circunstância não será uma mera coincidência. Há um ano e meio, António Costa era eleito como líder dos socialistas com 96 por cento dos votos, em inovadoras primárias, também com os votos de uma parte dos 151 mil simpatizantes que se inscreveram para poder votar nesse sufrágio. Apagados das bases de dados logo depois, será que sentem defraudados por não continuar a poder escolher ou sentir-se-ão satisfeitos com a prestação de contas semestral, dias depois da escolha do secretário-geral? ●●



Fernando Gomes
Economista

“ Não, no meu entender não são. Pelo contrário. Elas só podem correr bem a Costa. Sem oposição interna assumida e sem alternativa credível, estas diretas no PS vêm reafirmar a sua liderança como secretário-geral e demonstrar publicamente o apoio dos socialistas à sua atuação como primeiro-ministro. O que só pode reforçar a sua posição perante os partidos que apoiam o Governo. A prova de fogo será, em meu entender, não estas diretas, nem o Orçamento para o próximo ano, mas as eleições autárquicas de 2017. O resultado das políticas do Governo serão já visíveis, os conflitos locais para a escolha de candidatos desgastarão o líder e os atritos com Bloco e PCP ao nível local podem alastrar para o nível nacional. Nada que Costa não saiba. E, por isso, como começa a ver-se, a tendência será para as desvalorizar. ●●



Sebastião Feyo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

“ Estou a escrever estas linhas no sábado, 21 de maio, segundo dos dois dias que o PS programou para as eleições diretas para o cargo de secretário-geral e para as eleições dos delegados ao congresso de junho. Quando este texto for publicado, no dia 22, já se deverão conhecer os resultados. As diretas não constituirão qualquer prova de fogo. António Costa com a sua moção 'Cumprir a alternativa, construir a esperança' não terá (ou não teve) oposição. Já a eleição dos 1450 delegados ao congresso pode trazer alguma sugestão de stress interno ou externo, mas ainda assim não acredito que tal aconteça. Penso que dentro do PS (quase) todos percebem que o Governo tem o direito de governar para cumprir o programa aprovado na Assembleia da República, não relevando especular sobre a estabilidade da base parlamentar para a solução governativa. Ademais, importa não esquecer que em política, mais do que em qualquer outra área de atividade social, não se pode ter razão antes de tempo... ●●